

TEMPOS VERBAIS IRREGULARES: UMA PROPOSTA DE EXERCÍCIO

Luís Eugênio Rolim Rupp

Sabrina Pereira de Abreu¹

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática dos verbos irregulares e tem como objetivo principal a elaboração de uma proposta de exercícios que terão como base as principais contribuições de gramáticos e de linguistas para explicar a irregularidade desses verbos. Tal proposta tem a intenção de contribuir com, através da proposição do exercício, com o ensino de Língua Portuguesa, em especial com o ensino dos verbos irregulares. O suporte teórico eleito para esta pesquisa, entre outros, foi o livro **Estrutura da Língua Portuguesa**, de Câmara Jr. (1970), no que tange às explicações sobre a “regularidade” no funcionamento dos verbos irregulares. As características apontadas por Câmara Jr. acerca do comportamento de tais verbos serviram de orientação para a elaboração dos exercícios.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Tempos verbais. Verbos irregulares.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da irregularidade dos verbos na língua portuguesa. Escolheu-se este tema porque ele ainda causa muita confusão nos alunos quando precisam reconstruir morfologicamente tais verbos. Entendemos melhor a questão quando observamos as crianças praticando a conjugação dos verbos. Como ela apenas está começando a conhecer a língua portuguesa, é normal que produza formas regulares para toda e qualquer forma verbal. Nota-se, nessa situação, que as crianças na maior parte das vezes não conseguem produzir corretamente a forma verbal de um verbo irregular. Um exemplo disso é o que ocorre com o verbo *caber*. É comum ouvirmos as crianças dizendo “Aqui eu não cabo”, quando o usual seria dizer “Aqui eu não caibo”. Isso acontece, como disse, porque ela segue a lógica dos verbos regulares, os quais mantêm o radical e acrescentam a flexão referente ao modo-tempo e à informação de número-pessoa. Isto não ocorre com *caber* ou, por exemplo, com *fazer* ou *ouvir*, que são outros verbos irregulares.

¹ Professora da 7ª Edição do Curso de Especialização em Ensino e Gramática da Língua Portuguesa - UFRGS

Realmente, este já é um conteúdo difícil para quem já tem um bom domínio da língua portuguesa, ainda mais para uma criança. Durante sua futura vida escolar, ela entenderá melhor o comportamento dos verbos irregulares, mas sempre restará uma dúvida, ou uma hesitação, acerca de qual radical escolher para flexionar estes verbos. Essa hesitação acompanha a criança até a vida adulta. Por essa razão, o presente estudo pretende clarificar um pouco as razões pelas quais certos verbos se comportam de maneira irregular. A metodologia utilizada para o presente trabalho será o estudo aprofundado de textos teóricos que tratam da história da Língua Portuguesa e que expliquem as razões pelas quais certos verbos se comportam de maneira irregular. Como suporte teórico, também serão consideradas as reflexões de gramáticos e de linguistas contemporâneos. Ao final dos estudos, pretendo propor exercícios envolvendo os verbos irregulares, com o objetivo de auxiliar os alunos a entenderem um pouco mais sobre o funcionamento do paradigma de tais verbos.

A partir de pesquisas na Internet encontrei dois trabalhos que tratam da irregularidade dos verbos. Ambos os trabalhos são artigos científicos. O primeiro artigo é intitulado “**verbos irregulares: o paradigma da derivação**” (BORGES; BARIN, 2008).²O referido trabalho trata dos verbos irregulares de modo mais amplo, no sentido de definir estes verbos a partir de tempos primitivos e derivados, explorando também os tempos verbais na flexão do indicativo, subjuntivo e imperativo. Esta busca se baseia na utilização de livros didáticos de turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental. Já o segundo artigo, intitulado “**O processo de aquisição de verbos irregulares no português brasileiro**” (TAKAHIRA, 2013), trata da aquisição e da formação dos verbos irregulares na língua portuguesa³. A particularidade deste trabalho é que um dos objetivos é de analisar tal aquisição dos verbos irregulares a partir do pretérito perfeito do indicativo. Um segundo objetivo seria o de desmistificar que um mesmo verbo necessite de dois processos de formação. Apesar de estes artigos tratarem do mesmo tema da presente monografia (irregularidade dos verbos na língua portuguesa), as ênfases têm objetivos distintos. Como disse anteriormente, minha tarefa é tratar do funcionamento dos verbos irregulares e tentar encontrar uma explicação a partir da história da língua, enquanto o primeiro artigo citado trata do tema como um ensino nas

² Este texto foi publicado na revista *Disciplinarum Scientia*, da Faculdade de Letras do Centro Universitário Franciscano (Unifra), na cidade de Santa Maria, RS.

³ Este artigo foi publicado na Revista Estudos Linguísticos da Universidade de São Paulo (USP), entre janeiro e abril deste ano.

escolas e análise de livros didáticos, ampliando os conhecimentos de tempos verbais irregulares, e o segundo analisa, como ponto principal, a aquisição e formação de tais verbos.

O presente trabalho está organizado da seguinte forma: a) revisão da literatura, onde irei expor o referencial teórico mencionado anteriormente; b) procedimentos metodológicos, seção em que será exposta a metodologia aplicada no trabalho; c) análise e discussão dos dados, considerando o conteúdo da seção anterior e analisando como foi abordado o tema tratado a partir dos exercícios propostos; d) considerações finais, concluindo o presente trabalho e propondo maiores investigações acerca do tema e, por fim, e) as referências das obras utilizadas.

1. REVISÃO DA LITERATURA

Na presente seção abordarei as diversas características dos verbos em português, tratando tanto do padrão geral quanto do padrão especial dos verbos, dando maior atenção a este último. O padrão geral será abordado como uma referência ao padrão especial. Essa denominação de “padrão geral” e “padrão especial” foi proposta por Câmara Jr. (1970), porque, como os verbos regulares (padrão geral), os verbos irregulares (padrão especial) também apresentam “regularidade”, como será visto adiante.

O vocábulo verbal, segundo Câmara Jr. (1970), divide-se em duas noções, que são distintas, mas que se completam nas propriedades flexionais do verbo: “uma, para designar o ‘tempo’, ou ocasião da ocorrência do que o verbo refere, do ponto de vista do momento da comunicação. A outra, que se lhe segue, indica, dentro do vocábulo verbal, a pessoa gramatical do sujeito” (CÂMARA JR., 1970, p. 85).

O autor acrescenta que:

No sufixo flexional de tempo verbal, há acumulação da noção de “modo” (indicativo, subjuntivo, imperativo), e, num tempo do pretérito, a do aspecto inconcluso, ou “imperfeito”, do processo verbal referido. Por sua vez, a flexão de pessoa gramatical implica, automaticamente, na indicação do número, singular ou plural, do sujeito (CÂMARA JR., 1970, p. 85).

Câmara Jr. (1970) menciona, também, que além dos morfemas de tempo e modo, existe a designação de pessoa e número (também morfemas). Entretanto, o autor diz, a respeito destes morfemas, que: “[...] não é propriamente verbal, pois serve para assinalar, apenas na forma verbal, a pessoa pronominal do sujeito, entendido como o ser de que parte o processo verbal.” (CÂMARA JR., 1970, p. 96). A partir disso, o autor enfatiza a importância dos morfemas gramaticais de tempo e modo para o seu trabalho, porém, na sua explicação sobre o padrão geral dos verbos, o autor faz uso, também, dos morfemas de pessoa e número.

1.1 O Padrão Geral

O padrão geral trata da flexão dos verbos regulares do português. Câmara Jr. (1970) já havia mencionado que **tempo** e **modo** e **pessoa** e **número** são as noções gramaticais dos verbos. Tais noções, Câmara Jr. (1970) denominou, respectivamente, de sufixo modo-temporal (SMT) e sufixo número-pessoal (SNP). O autor acrescenta que

estes sufixos se unem ao sufixo flexional (SF), denominado como um sufixo global, e que, assim, se acrescentam criando a seguinte fórmula gramatical:

T (R+VT) + SF (SMT + SNP)

Onde, T é o tema, que engloba o radical (R) mais a vogal temática (VT), somando-se ao sufixo flexional (SF), ao qual pertencem os sufixos modo-temporal (SMT) e número-pessoal (SNP).

Câmara Jr. (1970, p. 103) diz que nos verbos regulares não há mudança no radical. Com a fórmula mencionada anteriormente, Câmara Jr. (1970) fornece a significação lexical, ou permanente, do verbo, ao qual se somam os componentes flexionais.

1.2. O Padrão Especial

Assim como o padrão geral trata dos verbos regulares, o padrão especial se preocupa com a organização dos verbos irregulares. Como mencionado no início da Seção 1, os verbos irregulares também obedecem a uma “regularidade”, explicada da seguinte maneira por Câmara Jr. (1970): “O que nossas gramáticas alinham, em ordem alfabética, como ‘verbos irregulares’, deve ser entendido como um desvio do padrão geral morfológico, que não deixa de ser ‘regular’, no sentido de que é suscetível a uma padronização também”. (CÂMARA JR., 1970, p. 110).

O autor critica a organização em ordem alfabética dos verbos irregulares, pois não apresenta critérios na classificação destes verbos. Tal ordem é criticada também pelas autoras El-Dash e Lombello (s.d.), que dizem que “não há preocupação didática em agrupar os verbos com as mesmas características (ou irregularidades) e muito menos de mostrar a ‘lógica’ dentro das irregularidades”. (EL-DASH; LOMBELLO, s.d., p. 119).

Diferentemente dos verbos regulares, os verbos irregulares provocam mudança no radical, “que passa a contribuir para as noções gramaticais de modo-tempo e número-pessoa. A mudança no radical é que é verdadeiramente importante e cria uma série de padrões morfológicos verbais”. (CÂMARA JR., 1970, p. 110). O autor também indica que nas irregularidades dos verbos ocorrem “constantes supressões da vogal temática”. (CÂMARA JR., 1970, p. 110).

Cunha e Cintra (2001) exemplificam o caso de verbos irregulares na 1ª pessoa do singular:

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical. Se examinarmos, por exemplo, a 1ª pessoa do PRESENTE DO INDICATIVO dos verbos *dar* e *medir*, verificamos que: a) a forma *dou* não recebe a desinência normal *-o* da referida pessoa; b) a forma *meço* apresenta o radical *meç-*, distinto do radical *med-*, que aparece no INFINITIVO e em outras formas do verbo: *med-ir*, *med-es*, *med-i*, *med-ira*, etc. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 413).

Agora, detendo-se apenas aos verbos irregulares, notamos que as mudanças de radical são profundas na 1ª pessoa do singular, nos modos indicativo e subjuntivo, como é o caso do infinitivo *medir* (tempo presente) citado por Cunha e Cintra (2001, p. 413). Porém, há verbos irregulares que provocam mudanças em outras pessoas de determinada conjugação, apesar de não serem tão profundas⁴ quanto na 1ª pessoa do singular. Teyssier (1982, p. 56) explica que os verbos irregulares do passado, que o autor denomina como perfeitos fortes, que apresentam vogais arrizotônicas (verbos que contém a sílaba tônica fora do radical, que é o caso, por exemplo, da 1ª pessoa do plural do presente do indicativo), concordam com a irregularidade presente na 1ª pessoa do singular:

[...] Certas alternâncias vocálicas são regularizadas: assim, nos perfeitos fortes as vogais radicais das formas arrizotônicas tendem a conformar-se com a da primeira pessoa do singular; por exemplo: *fezemos* é pouco a pouco substituído por *fizemos* (segundo *fiz*) e *posemos* por *pusemos* (segundo *pus*) (TEYSSIER, 1982, p. 56).

Assim como Teyssier (1956), o autor Piel (1944) também discute os pretéritos fracos (verbos regulares) e pretéritos fortes (verbos irregulares). Porém, Piel (1944) trata destes pretéritos de forma mais detalhada. Como, no presente trabalho, o objeto de estudo são os verbos irregulares, darei alguns exemplos dos pretéritos fortes que Piel (1944) cita, e que o autor trata partindo do latim.

Piel (1944) classifica em três classes os pretéritos fortes, que se originaram do latim, que são: 1) perfeitos em \bar{I} ; 2) perfeitos em SI ; 3) perfeitos em $U\bar{I}$. Assim Piel (1944) apresenta estas três classes:

Dos *perfeitos fortes* latinos salvou-se, em português, um número relativamente importante de verbos que, segundo o tipo primitivo em que assentam, podem agrupar-se em três classes, ou seja, pretéritos que reflectem:

⁴ Estas mudanças se referem ao fato de que determinada conjugação verbal não sofrerá grandes alterações em sua estrutura comparada com as mudanças ocorridas em alguns verbos irregulares da 1ª pessoa do presente do indicativo, o qual apresenta variação notável em relação à vogal temática. No caso da conjugação de outras pessoas do mesmo verbo, a maior mudança será no radical, característica que não fica tão evidente quanto à mudança de vogais.

1º um perfeito em -I (sem desinência temporal: VID-I); 2º em -SI (perfeito “sigmático”: AR-SI); 3º em -UI (HAB-UI). (PIEL, 1944, p. 15).

Como exemplo dos verbos em \bar{I} , encontram-se os verbos latinos $F\bar{E}CI$, do qual surgiu o infinitivo *fazer* do português. Neste verbo, todas as pessoas sofrem troca de vogal temática (*fiz, fizeste, fizemos, fizestes, fizeram*), a exceção da terceira pessoa do singular, que mantém o “e”, mantendo-se regular (*fez*). Outro exemplo é o verbo $V\bar{E}NI$ (vir, do português). Diferentemente de *fazer*, apenas a 3ª pessoa do singular apresenta irregularidade, com a alternância vocálica de “i” para “e” (*veio*). As demais concordaram com a forma *vir* do infinitivo (*vim, vieste, viemos, viestes, vieram*).

Exemplos de verbos em -SI (ou -XI) são TRAXI (infinitivo *trazer* do português) e POSI (ou PŌSUI), que no português, é o infinitivo *pôr*. No primeiro verbo, todas as outras pessoas acompanham a irregularidade da 1ª pessoa do singular (*trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram*). No caso do verbo *pôr* nota-se o que acontece em $F\bar{E}CI$, no que se refere que apenas a 3ª pessoa do singular é regular (*pôs*). As demais apresentam alternância vocálica de “o” para “u” (*pus, puseste, pusemos, pusestes, puseram*).

Nos verbos em -U \bar{I} , há 2 exemplos de verbos completamente irregulares, sendo iguais a 1ª e 3ª pessoas do singular: HABUI e SAPUI. O primeiro é o infinitivo português *haver*, de conjugação *houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram*. O mesmo ocorre com a conjugação do verbo *saber*: *soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam*.

Ainda nos pretéritos fortes em -U \bar{I} há verbos que se constroem de outra maneira, como é o caso de TENUI (infinitivo *ter* em português). O “u” dá lugar à consoante “v”, e a 3ª pessoa do singular é a única que não apresenta a alternância vocálica e/i, mas ela mantém a irregularidade do verbo pela mudança de “u” para “v”, como as demais pessoas: *tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram*.

Em relação ao pretérito forte, Piel (1944) diz o seguinte:

Na evolução fonética do grupo de verbos que se segue [*alguns exemplos destes verbos citei acima*]⁵, notam-se dois aspectos principais. Sendo a vogal radical um *a*, esta atrai a semivogal *u*, dando origem ao ditongo *ou*. Nos outros casos, a dita semivogal consonantiza-se adoptando o valor de *v*, ao passo que o *i* final afecta metafonicamente a vogal radical, passando *e* para *i*, e *o* para *u* (PIEL, 1944, p. 17).

A alternância vocálica o/u se produz na conjugação de *trazer* (*trouxe*, etc.), que também aparece no pretérito de -SI (-XI), com origem no latim TRACUI ou TRAXUI.

⁵ Grifo nosso

Em síntese, os verbos irregulares no português e os respectivos padrões irregulares são os seguintes:

Principais verbos irregulares do Português (pretérito perfeito do indicativo)	1ª p. sing. (eu)	2ª p. sing. (tu)	3ª p. sing. (ele/ela)	1ª p. plural (nós)	2ª p. plural (vós)	3ª p. plural (eles/elas)
fazer	fiz	fizeste	fez	fizemos	fizestes	fizeram
vir	vim	vieste	veio	viemos	viestes	vieram
trazer	trouxe	trouxeste	trouxe	trouxeram	trouxestes	trouxeram
pôr	pus	puseste	pôs	pusemos	pusestes	puseram
haver	houve	houveste	houve	houvemos	houvestes	houveram
saber	soube	soubeste	soube	soubemos	soubestes	souberam
ter	tive	tiveste	teve	tivemos	tivestes	tiveram

Quadro 1 – Principais verbos irregulares do Português

Em relação aos verbos elencados no Quadro 1, é possível perceber alguns padrões: o verbo **fazer** só apresenta regularidade na 3ª pessoa do singular (fez), pois não muda a vogal temática do infinitivo (“e”). As demais pessoas tornam-se irregulares, alternando a vogal “e” para “i”. O oposto ocorre no verbo **vir**, no qual apenas a 3ª pessoa do singular apresenta irregularidade, presente na alternância vocálica i/e. O mesmo que acontece em **vir**, nota-se nos verbos **pôr** e **ter**, com alternância vocálica o/u e e/i, respectivamente, ficando a terceira pessoa do singular com a mesma vogal temática do infinitivo. Nota-se, também, que nos verbos **haver** e **saber**, as 1ª e 3ª pessoas do singular têm forma idêntica, e são irregulares na mudança de radical e não na vogal temática. Por fim, se observa que o verbo **trazer** é completamente irregular, ocorrendo mudança de radical em todas as pessoas.

A título de informação complementar, El-Dash⁶ e Lombello⁷ (s.d.) publicaram um trabalho intitulado **O que é “irregular” para um verbo em português**, que trata da irregularidade dos verbos em português a partir do ponto de vista do ensino da língua para estrangeiros. As autoras fizeram uma crítica, já mencionada anteriormente, acerca da organização dos verbos irregulares nas gramáticas e manuais de português, apresentada em ordem alfabética.

⁶ Professora da Unicamp de português para estrangeiros

⁷ Ex-professora* da Unicamp de português para estrangeiros. Ex-professora de Linguística Aplicada na Unicamp *faleceu no ano de 1994.

Esta disposição dificulta o ensino de língua portuguesa para estrangeiros, por não apresentar uma classificação coerente para os verbos irregulares, como as autoras sugerem por características comuns para estes verbos. Outro ponto importante no trabalho das autoras é quando elas mencionam que: “[...] os verbos da terceira conjugação são basicamente irregulares quando têm *e*, *o* ou *u* como última vogal da raiz, pois a maioria deles (ou pelo menos os verbos mais usados) sofre alguma modificação nessa vogal.” (EL-DASH; LOMBELLO, s.d., p. 121-122).

Também a título de informação complementar, para os objetivos do presente trabalho, Takahira⁸ (2013), em seu texto **O processo de aquisição de verbos irregulares no português brasileiro**, diz que os “verbos irregulares passam por um processo de regularização durante o processo de aquisição” (TAKAHIRA, 2013, p. 430). A autora cita Kirn (1986), autor que diz que, no inglês, os verbos regulares do passado terminam em *-ed* e que a criança, em vez de dizer “I went” ela menciona “I goed”, pronunciando equivocadamente, já que *go* é verbo irregular na língua inglesa. Takahira (2013) também cita Clashen *et al.* (2002), autores que trabalham o processo de aquisição pelo modelo binário de flexão que envolve dois sistemas distintos. Estes autores usam dados do espanhol para explicar o processo de aquisição: “i) um grupo de entradas lexicais listadas associativamente na memória (formas irregulares); e, ii) regras para formar expressões linguísticas maiores (formas regulares).” (TAKAHIRA, 2013, p. 430 *apud* CLASHEN *et al.*, 2002). Assim Takahira (2013) explica tal aquisição:

Os autores fazem uma separação entre a formação do radical e o domínio da flexão, assim, no caso dos verbos irregulares, quando a criança superaplica a regra, ela aciona uma forma irregular memorizada e depois aplica uma regra de formação de verbos regulares, usando dois processos diferentes para formar um único verbo irregular (TAKAHIRA, 2013, p. 430-431).

Takahira (2013), para explicar a teoria de aquisição de superaplicar a regra dos verbos irregulares, utiliza como exemplo o verbo *fazer* e a 1ª pessoa do singular – *fiz*, do pretérito. A autora menciona a chamada “Curva de U”, proposta pela autora Petakovic (s.d.), na qual a criança, em determinada época, usa a forma correta *fazer-fiz*, em outra época ela regulariza (*fazer-fazi*) e, por último, em outra época, ela para de regularizar e volta a usar a forma correta (TAKAHIRA, 2013, p. 432).

Como se vê este é um processo mais demorado, do ponto de vista da teoria que será apresentada a seguir. Como solução para uma aquisição em que não sejam

⁸ Departamento de Linguística – Universidade de São Paulo (USP) – alinegr@usp.br

necessários dois processos, foi criado o modelo chamado de *Morfologia Distribuída* (MD), de Halle e Marantz (1993). Takahira (2013) explica da seguinte maneira a MD:

Esse modelo trabalha com a noção de que nos nós terminais há feixes de traços que são especificações dos traços que o item de vocabulário (IV) requerido deve conter. Há uma competição entre IVs e o mais especificado, que não apresenta traços divergentes dos requeridos no nó terminal, ganha a competição e será inserido. Dentro da MD, seguimos o trabalho de Siddiqi (2009), que defende que a raiz, o núcleo *v* e o traço de passado se fundem formando um nó funcional complexo, e o IV entra em um lugar só (TAKAHIRA, 2013, p. 431).

Siddiqi (2009), citado no trabalho de Takahira (2013), utiliza a MD como teoria para simplificar a aquisição dos verbos irregulares. Esse autor adiciona ao modelo de Halle e Marantz (1993) o que é chamado de “condição de economia na gramática” (TAKAHIRA, 2013, p. 436): Exponência Minimizada. “A derivação mais econômica será aquela que realiza maximamente todos os traços formais da derivação com o menor número de morfemas.” (TAKAHIRA, 2013, p. 436).

É importante mencionar que Takahira (2013) diz que a MD é um modelo que usa a sintaxe para tratar da aquisição. Assim explica Takahira (2013): “[...] enquanto teorias como a proposta por Clashen *et al.* (2002) precisam lançar mão de um mecanismo binário para dar conta dessas formações, na MD conseguimos explicá-las utilizando apenas um componente gerativo da gramática, a sintaxe”. (TAKAHIRA, 2013, p. 440). Como visto no trabalho de Takahira (2013) – e mencionado no presente trabalho –, Clashen *et al.* utilizam o léxico do espanhol como uma das formas para a aquisição de verbos irregulares, enfatizando que a MD necessita de apenas um processo para a aquisição verbal. É importante ressaltar que os trabalhos que adotam a MD como referencial teórico, citados acima, não serão objeto de análise e discussão no presente trabalho. A citação desses trabalhos teve o intuito de apenas ilustrar outros tipos de análise sobre os verbos irregulares.

Antes de encerrar a presente seção, cumpre apresentar um quadro contrastivo das ideias dos autores aqui mencionados acerca da flexão de verbos irregulares.

Câmara Jr. (1970)	Piel (1944)
- Dentro da irregularidade dos verbos há ‘regularidade’, ou seja, um padrão para organizar os verbos irregulares. O autor critica o fato de que os verbos irregulares são classificados por ordem alfabética, classificação esta que julga inconveniente porque apenas ajuda o aluno a memorizar tais verbos.	- Relaciona os verbos em português com sua origem latina. - Para o autor, muito das irregularidades dos verbos em português vieram do latim. - Classifica em três classes os pretéritos fortes (-verbos irregulares): 1) Perfeitos em \bar{I} : p. ex., o verbo latino $F\bar{E}CI$, que originou o verbo <i>fazer</i> em português, e $V\bar{E}NI$,

<p>- Outro ponto fundamental é que o autor diz que, nos verbos irregulares, fundamentalmente, ocorrem duas mudanças que determinam a irregularidade verbal: a mudança de radical (invariável nos verbos regulares) e as constantes supressões das vogais temáticas.</p>	<p>verbo <i>vir</i>. Quanto a estes verbos, a irregularidade, em fazer, acontece em todas as pessoas, exceto na 3ª p. do singular, que mantém a vogal temática “e” do infinitivo (fez). A irregularidade das demais se configura na alternância vocálica e/i. O oposto se verifica em <i>vir</i>. Apenas a 3ª pessoa do singular é irregular, com alternância vocálica e/i. As demais pessoas mantêm a vogal “i” no radical.</p> <p>2) Perfeitos em -SI (ou -XI): Os verbos latinos desta classe são TRAXI (<i>trazer</i> do português) e POSI ou PŌSUI (que originou o verbo <i>pôr</i> no português). Em TRAXI todas as pessoas são irregulares no radical, acompanhando a 1ª p. do singular (<i>trouxe, trouxeste</i>, etc.) As formas de 1ª e 3ª p. sing. são idênticas (<i>eu trouxe, ele trouxe</i>). A exemplo de “fazer”, o verbo <i>pôr</i> também é regular apenas na 3ª p. sing. (<i>pôs</i>). Nas demais pessoas deste verbo ocorre a alternância vocálica o/u (<i>pus, puseste, pusemos, pusestes, puseram</i>).</p> <p>3) Perfeitos fortes em UĪ, que apresentam como exemplos os verbos latinos HABUI (<i>haver</i>) e SAPUI (<i>saber</i>). Em ambos os verbos todas as pessoas são irregulares no radical, coincidindo as 1ª e 3ª pessoas do singular em ambos os verbos (<i>eu/ele houve; eu/ele soube</i>).</p>
---	--

Quadro 2 – Síntese dos principais autores mencionados no capítulo acerca dos verbos irregulares

Como se observa no Quadro 2, acima, Câmara Jr. (1970) prioriza a análise sincrônica para mostrar que existe certas regularidades nos verbos irregulares; já Piel (1944) observa o ponto de vista diacrônico, mostrando as alterações que ocorreram nesses verbos na passagem do latim para o português.

Antes de tratar da seção seguinte, mencionarei duas noções que serão importantes para a proposta de exercícios, que será trabalhada na seção de procedimentos metodológicos. São elas: formas rizotônicas e arrizotônicas. Estas noções estão presentes quando o verbo irregular apresenta alternância vocálica. As primeiras se caracterizam quando a vogal tônica está dentro do radical, na conjugação do verbo. Na seção seguinte mostrarei exemplos. A forma rizotônica ocorre nas três pessoas do singular (eu, tu, ele) e na 3ª p. p. (eles) no presente do indicativo e no presente do subjuntivo, e nas pessoas “tu” e “você⁹” (2ª p. s.) e “vocês” (3ª p. p.) no imperativo afirmativo e imperativo negativo. As formas arrizotônicas apresentam a sílaba tônica fora do radical, nas demais pessoas das conjugações verbais (nós, vós) dos tempos e modos mencionados.

⁹ O Rio Grande do Sul utiliza a forma “tu”. No Brasil, dependendo da região, o “você” varia de 2ª para 3ª pessoa do singular, e vice-versa.

Na próxima seção, apresentarei os procedimentos metodológicos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho tratou, até o momento, das dificuldades que apresentam os verbos irregulares para serem aprendidos por falantes da língua portuguesa não somente para as crianças que, como foi dito, tentam regularizar os verbos irregulares, o que faz a pronúncia de determinado verbo irregular ser equivocada (ex: *fazer-fazi**, em vez de *fiz*), mas também por adultos, principalmente quando precisam utilizar uma forma irregular em seus textos escritos. Na seção anterior, este trabalho também englobou a discussão de textos de outros autores, além de gramáticas, que discutiam informações importantes acerca dos verbos irregulares. Destes autores, um dos mais importantes foi Câmara Jr. (1970), que trata os verbos irregulares como sendo o padrão especial de verbos da língua portuguesa. O autor não utiliza o termo “verbos irregulares”, pois ele acredita que nos verbos desta natureza há uma padronização para ‘regularizar’ tais verbos. O autor propõe a fórmula **T (R+ VT) + SF (SMT + SNP)**, para o padrão geral da língua, ou verbos regulares.

Tratando-se da irregularidade verbal, Câmara Jr. (1970) menciona que, nos verbos de padrão especial, ocorrem, fundamentalmente, a mudança do radical e também “constantes supressões da vogal temática” (CÂMARA JR. 1970, p. 110). Estas mudanças alteram o tema, não mais se aplicando a fórmula mencionada pelo autor. Será a partir destas duas mudanças que elaborarei a proposta de exercícios.

Também como vimos, Takahira (2013) fez um estudo no qual ela tratou da aquisição dos verbos irregulares do português brasileiro. Em parte desse estudo, ela apresentou uma teoria chamada *Morfologia Distribuída* (MD), a qual utiliza a sintaxe da língua para, em uma única etapa, favorecer a aquisição dos verbos irregulares. Entretanto, o presente trabalho não trata da MD e nem discute seus fundamentos nem sua aplicação. Interessa-nos, particularmente, o entendimento de Takahira acerca da irregularidade verbal.

A contribuição do presente trabalho será a elaboração de uma proposta de um conjunto de exercícios acerca dos verbos irregulares na perspectiva interpretativa de Câmara Jr. (1970), ou seja, enfatizando as alterações de radical e de vogal temática, já mencionados anteriormente. Tal proposta será apresentada na terceira subseção desta seção, e a metodologia utilizada para a elaboração dos exercícios será apresentada a

partir de frases lacunares, que serão em número de 15, nas quais os alunos deverão flexionar o verbo irregular de acordo com a forma em infinitivo, que estará entre parênteses. Esta metodologia seguirá de perto os pressupostos teóricos de Câmara Jr., acrescido de algumas informações etimológicas sobre esses verbos.

2.1 Critérios para elaboração dos exercícios

Para a elaboração dos exercícios, será apresentada aos alunos das séries finais do Ensino Fundamental (8^a/9^a série) e do Ensino Médio (3^a ano) a diferenciação entre verbos regulares e irregulares a partir da mudança de radical e pelas constantes supressões da vogal temática, presentes no último, pontos que Câmara Jr. (1970) descreve como fundamentais em relação à irregularidade verbal.

Os exercícios serão feitos a partir das contribuições de Câmara Jr. (1970) acerca do assunto, como já mencionado. Os exercícios serão elaborados a partir de 15 frases escolhidas em função de veicularem estados de coisas realizados¹⁰ com verbos irregulares (*cabere, fazer, trazer, etc.*). Essas frases conterão lacunas (existem outras maneiras de realizar os exercícios como, por exemplo, com base em obras literárias, porém optei pelas frases lacunares que ajudam, satisfatoriamente, o aluno a fixar o conteúdo em questão) que deverão ser preenchidas pelos alunos, ou seja, o aluno será solicitado a flexionar o verbo que estará, ao lado de cada frase, entre parênteses, em sua forma de infinitivo, com o respectivo tempo e modo. Tal proposição, lembrando, será sempre a partir da mudança de radical e supressões de vogal temática, alterações fundamentais nos verbos irregulares, segundo Câmara Jr. (1970).

2.2 Suporte teórico para a elaboração dos exercícios

O suporte teórico adotado para a elaboração dos exercícios será, como eu disse anteriormente, os pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970). Além do ponto de vista do autor, também utilizarei algumas contribuições de Cunha e Cintra (2001), que elaboraram a **Nova Gramática do Português Contemporâneo**.

¹⁰ Propriamente caracteriza a irregularidade verbal e seu funcionamento.

2.3 Proposta de Exercícios

A proposta de exercícios aqui apresentada teve como base o referencial teórico do presente trabalho, mais particularmente em razão dos pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970), que foram de suma importância para a análise dos exercícios.

Na presente subseção apresentarei os exercícios propostos que elaborei com base na gramática de Cunha e Cintra (2001) e dos pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970), de mudança de radical e supressões da vogal temática.

- 1) Eu _____ meu cachorro pra passear todos os dias. (**levar; presente do indicativo**)
- 2) Por favor, lhes _____ silêncio! (**pedir; presente do indicativo**)
- 3) Ele não _____ feliz, mas mesmo assim, não _____ ajuda de ninguém. (**estar/querer; presente do indicativo**)
- 4) Você _____ o que lhe pedi? (**fazer; pretérito perfeito do indicativo**)
- 5) Ela _____ seu namorado com outra. (**ver; pretérito perfeito do indicativo**)
- 6) Minha mãe _____ muito cedo. (**dormir; presente do indicativo**)
- 7) Quem _____ que ele me amasse. (**dar; pretérito mais-que-perfeito**)
- 8) Ele estava tão nervoso que se eu _____ qualquer coisa, ele explodiria. (**dizer; pretérito imperfeito do subjuntivo**)
- 9) Esse rapaz não tem mais jeito: sempre que ele surge _____ más notícias. (**trazer; presente do indicativo**)
- 10) Me desculpa. Eu esqueci. Não _____ o que você me pediu. (**trazer; pretérito perfeito do indicativo**)
- 11) Não quero que você me _____ com desculpas! (**vir; presente do subjuntivo**)
- 12) Você _____ esse livro se eu lhe emprestar? (**ler; presente do indicativo**)
- 13) Eu _____ o seu livro em cima da mesa (**pôr; pretérito perfeito do indicativo**)
- 14) Eu pedi para ela me visitar, mas ela não _____. (**ir; pretérito perfeito do indicativo**)
- 15) Eu _____ de ser feliz. (**haver; presente do indicativo**)

Agora, a partir dos exercícios propostos, mostrarei, em cada frase, os pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970), ou seja, a mudança de radical e as supressões de vogal temática.

O verbo *levar*, na frase 1, é um verbo no qual ocorre alternância vocálica, especificamente na 1ª pessoa do singular, mudando o “a” da 1ª conjugação por “o”, no presente do indicativo, irregularidade transmitida a todas as pessoas do presente do subjuntivo, em que o “a” do infinitivo é substituído por “e”. Esta mesma situação está representada na frase 6 (verbo *dormir*), em que o “i” da 3ª conjugação é substituído por “o” na primeira pessoa do presente do indicativo, e por “a” em todas as pessoas do presente do subjuntivo. Nota-se alternância vocálica, também, dentro do radical, entre “o” (*dormir*) e “u” (*durmo*), que se apresenta nas mesmas pessoas citadas (1ª do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo). Além disso, segundo Cunha e Cintra (2001), nas ocorrências de alternância vocálica, há duas características presentes em ambos os verbos: formas rizotônicas e arrizotônicas, explicadas na seção do referencial teórico (revisão da literatura). Como exemplos, os verbos *levar* e *dormir*, encontrados nas frases 1 e 6 dos exercícios, respectivamente. No primeiro, a vogal tônica é o “e” nas três pessoas do singular e na 3ª do plural, tanto no presente do indicativo quanto no presente do subjuntivo. A 1ª e 2ª pessoa do plural são arrizotônicas. Em *dormir*, o “u” substitui o “o” como vogal tônica na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo e em todas as pessoas do presente do subjuntivo, sendo arrizotônicas somente na 1ª e 2ª pessoa do plural, no modo subjuntivo, assim como o “o” no presente no indicativo, que é rizotônico na 2ª p. s. e na 3ª pessoa do singular e do plural, no presente do indicativo.

Na frase 2, construída com o verbo *pedir*, além da alternância vocálica i/o – 1ª p. s. do presente do indicativo – há mudança do radical *ped-* para *peç-* na mesma pessoa, no mesmo modo e no mesmo tempo, e em todas as pessoas do presente do subjuntivo.

Na frase 3, apresento 2 verbos: *estar* e *querer*. *Estar* é considerado um dos verbos anômalos da língua portuguesa, isto é, as irregularidades que este tipo de verbo apresenta “[...] não se enquadram em classificação alguma” (Cunha e Cintra, 2001). *Estar* só não apresenta irregularidade nos seguintes tempos: pretérito imperfeito, futuro do presente e futuro do pretérito (condicional) do indicativo; nas 1ª e 2ª pessoas do plural do presente do indicativo, além de ser regular apenas na 2ª p. p. do imperativo afirmativo. Nas demais conjugações, “*estar*” é completamente anômalo. Segundo Cunha e Cintra (2001), a Norma Gramatical Brasileira (NGB) diferencia verbos irregulares de

anômalos¹¹, justamente por este último não se enquadrar em nenhuma classificação, como mencionado pelos autores. O verbo *querer* é irregular nos seguintes tempos: presente, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito; e presente, pretérito imperfeito e futuro do presente no modo subjuntivo. No presente do indicativo, há alternância vocálica e/o na primeira pessoa (*quero*). No presente do subjuntivo, além da alternância de “e” para “a”, o radical também é alterado com a presença do “i” na desinência, que funciona como vogal de ligação (buscar conceito de “vogal de ligação”), no lugar do “r” do *querer* (*queira, queiras, queira...*). É importante observar que a 3ª pessoa do singular, do presente do indicativo não apresenta vogal temática em sua conjugação (“quer”). Nessa situação, se diz que o morfema desinencial é zero. Nas demais pessoas mencionadas em que “querer” é irregular há grande variação no radical. Por exemplo, na 1ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo, o radical “quer”, do tempo presente do indicativo, passa a “quis” naquele tempo, raiz esta transmitida ao pretérito mais-que-perfeito (*quisera, quiseras, quisera...*), pretérito imperfeito (*quisesse, quisesses, quisesse...*) e futuro do subjuntivo (*quiser, quiseres, quisera...*), mudando apenas as desinências destes tempos, como demonstrado entre parênteses, mantendo a vogal temática “e” de “querer”, à exceção de “quis” que também apresenta morfema zero. (como “quer”).

Na frase 4, a conjugação de *fazer* é da 3ª pessoa do singular, do pretérito perfeito. O radical neste tempo é alterado e a desinência apresenta morfema zero, ou seja, não apresenta vogal temática (“fez”). Já o verbo *ver*, na frase 5, mostra a irregularidade da 3ª p. s. do pretérito imperfeito, com radical modificado e alternância vocálica e/i do tempo presente para o pretérito perfeito. Apenas o presente, do indicativo e do subjuntivo mantém o “e” como vogal temática. No pretérito perfeito, e em suas formas derivadas, a vogal temática é “i”.

O verbo *dar*, na frase 7, apenas mantém a vogal temática “a” na 2ª e 3ª pessoas do singular, e nas três pessoas do plural no presente do indicativo. Na 1ª pessoa deste tempo, há a alternância a/o, sendo a desinência terminada em “-u”. Em todas as pessoas do pretérito perfeito e dos tempos derivados deste ocorre a alternância a/e, com mudança nas desinências do respectivo tempo, sendo esta “-era” no pretérito-mais que

¹¹ Os verbos irregulares apresentam características notáveis na conjugação verbal, características estas explicadas por regras como a mudança de radical e alteração da vogal temática, mencionadas por Câmara Jr. Já os verbos anômalos não apresentam nenhuma característica, por assim dizer, “regular” no ponto de vista de organizá-los sob alguma regra. São verbos irregulares, mas sem uma classificação definida na GT.

perfeito. Apesar do presente do subjuntivo ser derivado do presente do indicativo, há alternância a/e em todas as pessoas, não se configurando o que ocorre no verbo *levar*, em que a 1ª p. s. presente do indicativo reflete em todas as pessoas do subjuntivo.

O verbo *dizer*, na frase 8, é um dos mais irregulares na língua portuguesa. Segundo Cunha e Cintra (2001), apenas o pretérito imperfeito do indicativo e a forma impessoal *gerúndio* são regulares neste verbo. No tempo em questão (pretérito imperfeito do subjuntivo), é transmitida a forma “disse” – 1ª p. s. do pretérito perfeito do indicativo – a todas as pessoas daquele verbo, alterando-se somente a desinência (disse, dissesse, dissesse...). Nota-se que a vogal temática do infinitivo permanece como “e”, com modificação do radical.

Nas frases 9 e 10, mencionei outro (além de “dizer”) dos verbos mais irregulares do português: *trazer*. No primeiro caso, este verbo solicita a forma verbal da 3ª p. s. do presente do indicativo. Na referida pessoa o radical se mantém (*trazer* > *traz*). No entanto, como se percebe, acontece algo semelhante com “dizer” e “querer” (no mesmo tempo e pessoa gramatical): a vogal temática do infinitivo desaparece, caracterizando o morfema desinencial zero, como é denominada pela sintaxe a omissão de vogal temática. Já na frase 10, *trazer* está no tempo passado – pretérito imperfeito do indicativo. Nesse tempo o radical é completamente modificado na 1ª pessoa do singular (*trazer* > *trouxe*). Nesse mesmo tempo, o radical se mantém irregular em todas as pessoas, sendo transmitidas a ela pela 1ª pessoa do singular (“trouxe”) apenas alterando as desinências, com a coincidência de forma verbal na 3ª pessoa do mencionado tempo. Apesar da forte mudança de radical, a vogal temática, neste tempo, se mantém como “e” (*trazer* > *trouxe*).

Na frase 11 está o verbo *vir*. Segundo Cunha e Cintra (2001), “vir” é um verbo anômalo, ou seja, não faz parte de nenhuma classificação na língua portuguesa. É um caso semelhante ao já mencionado verbo “estar”. Entretanto, é importante enfatizar que “vir” não é verbo de ligação. Em todos os tempos deste verbo, o radical sofre alteração e, até nas formas verbais do mesmo tempo, sofre constantes alterações de vogal temática, além da presença do morfema zero, como em “vem” da 3ª p. s. do presente do indicativo, e “vim” da 1ª p. s. do pretérito perfeito do indicativo. Quanto às constantes alterações de vogal temática, cita-se o pretérito imperfeito do indicativo (como exemplo), no qual a 2ª pessoa do plural apresenta vogal temática “e”, e as demais, vogal temática “a”. No caso do tempo mencionado na frase (presente do subjuntivo), a irregularidade é transmitida da 1ª pessoa do presente do indicativo, com alternância i/a

naquele tempo (*venho* > *venha*), mantendo na conjugação a 1ª pessoa do presente do subjuntivo, com alteração na desinência (*venhas, venha, venhamos, venhais, venham*), e coincidência verbal entre a 1ª e 3ª pessoa do singular deste tempo, como se percebe entre parênteses.

O verbo *ler*, na frase 12, é irregular no presente do indicativo e no seu derivado presente do subjuntivo, assim como no imperativo afirmativo e negativo. No caso do presente do indicativo, tempo indicado nesta frase, a 1ª p. s. já altera o radical e a vogal “e” do infinitivo passa para “o”. Nas 2ª e 3ª pessoas do singular do tempo presente, e na 3ª do plural, não há presença de vogal temática; já na 1ª p. p, a alternância volta a ser e/o (*lemos*) e na 2ª p. p. (também do presente do indicativo) a vogal temática se mantém como a do infinitivo: “e”. Em todas as pessoas deste tempo há variação do radical (*lei-, lê, lê, lem-; led-; lee-*) com mudança desinencial.

Na frase 13, no pretérito perfeito, o verbo *pôr* apresenta alternância vocálica o/u (no radical) em todas as pessoas, à exceção da 3ª p. s. que se mantém com a vogal “o” do infinitivo. Neste tempo, tanto a 1ª como a 3ª pessoa do singular não apresentam vogal temática, ou seja, têm morfema desinencial zero. Todos os tempos derivados do pretérito perfeito “puxam” a alternância vocálica o/u, inclusive na 3ª pessoa do singular. Nos demais tempos, inclusive no modo imperativo (afirmativo e negativo) o “o” se mantém no radical, mas com variadas mudanças deste e diversas mudanças de vogal temática. Como exemplo, a vogal temática da 1ª p. s. do presente do indicativo é “o”, e seu derivado – presente do subjuntivo – apresenta o “a” como vogal temática, assim transmitida para as demais pessoas deste tempo. Cunha e Cintra (2001) enfatizam que *pôr* é o antigo *poer* do português, que deriva do latim *ponere*. Isso significa que este verbo é de segunda conjugação, e não uma quarta, como já se havia pensado. Por isso, a alternância vocálica na 1ª p. s. do presente do indicativo é e/o, e no presente do subjuntivo é e/a, mesmo que, no infinitivo, a vogal deste verbo seja “o”. A partir desta informação percebe-se que *pôr* é o único INFINITIVO¹² irregular do português, segundo Cunha e Cintra (2001).

Na frase 14, pede-se, no exercício, o pretérito perfeito do verbo *ir*. Cunha e Cintra (2001) assim o caracterizam:

É verbo anômalo, somente regular no PRETÉRITO IMPERFEITO, no FUTURO DO PRESENTE e no FUTURO DO PRETÉRITO do MODO

¹² Grifo dos autores

INDICATIVO: *ia, irei, iria*; nas FORMAS NOMINAIS – INFINITIVO: *ir*, GERÚNDIO: *indo*; PARTICÍPIO: *ido*.
Suas formas do PRETÉRITO PERFEITO DO INDICATIVO e dos tempos dele derivados identificam-se com as correspondentes do verbo *ser*: *fui, fora, fosse e for*.

Para concluir esta seção, a frase 15 apresenta o verbo *haver*. À exceção do pretérito imperfeito do indicativo, do futuro do presente, do futuro do pretérito (condicional) e da 2ª p. p. do imperativo afirmativo, todas as demais conjugações são todas as demais conjugações são irregulares. No caso do presente do indicativo, tempo solicitado nesta frase, o radical é modificado (*haver > hei*), com manutenção da vogal temática “e” na 1ª p. s., e nas 1ª e 2ª pessoas do plural, com variação e/a nas pessoas restantes deste tempo. Por fim, vale mencionar que os verbos citados nos exercícios foram retirados de Cunha e Cintra (2001), em sua “Nova Gramática do Português Contemporâneo”, à exceção de *haver*, que retirei como base do Quadro 1, dos principais verbos irregulares, mencionado no referencial teórico que, no exercício, usei no presente do indicativo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já mencionado na seção anterior, o exercício proposto no presente trabalho foi elaborado de acordo com os pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970), nos quais o autor menciona que as características principais da irregularidade verbal são a mudança de radical e as constantes supressões das vogais temáticas que, como se viu nos exercícios, é a alternância vocálica que ocorre tanto no radical, como fora dele, sendo, neste último caso, definida a vogal temática que ora se mantinha com a mesma vogal do infinitivo, ora alternava entre vogais e, por vezes, em determinado verbo, sequer havia uma vogal temática, caso em que se diz que ocorre o fenômeno de morfema zero. Como já dito, também, os verbos dos exercícios foram retirados da **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, de Cunha e Cintra (2001), exceto o verbo *haver*, retirado do referencial teórico desta pesquisa.

Percebe-se, na subseção da proposta de exercícios, quantos aspectos surgem nos verbos a partir dos pressupostos de Câmara Jr. (1970). Em um único verbo pode existir diversas características como, por exemplo, em “estar”, mencionado na frase 3, o qual se explicou ser um verbo anômalo, inclusive como distinção de Cunha e Cintra (especificamente na NGB) entre verbos irregulares e anômalos. Na mesma frase, como consequência dos pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1970), se observa também os termos *vogal de ligação* e *morfema zero*, este último explicado no parágrafo anterior e no texto após os exercícios.

Para concluir, vogal de ligação é um meio pelo qual é possível fazer com que determinadas palavras sejam pronunciadas de forma eufônica (som agradável). Um exemplo são as pessoas do presente do subjuntivo do verbo *querer*, explicado na subseção da proposta dos exercícios. É importante mencionar que as vogais de ligação não aparecem somente em verbos, mas também em outras classes gramaticais. Entretanto, este assunto já não entra na temática do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo o presente trabalho com a recomendação de que, em futuros estudos sobre o tema aqui tratado, se possa ampliar o conhecimento acerca dos verbos

irregulares, e uma maneira para que isso ocorra seria, a meu ver, a aplicação do exercício elaborado na presente pesquisa para os alunos que estão nos últimos anos escolares – Ensino Médio – ou, ainda, no Ensino Fundamental, prestes a ingressar no 2º grau. Esta sugestão se deve porque tal aplicação facultaria que se verificasse como está o ensinamento dos alunos em relação a um conteúdo tão complexo como os verbos irregulares.

REFERÊNCIAS

BORGES, T. M. A.; BARIN, N. T. R.. **Verbos irregulares**: o paradigma da derivação. *Disciplinarum Scientia*, Série: Artes, Letras e Comunicação - Faculdade de Letras do Centro Universitário Franciscano (Unifra), Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 177-191, 2008. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/36/ALC/2008/verbos.pdf> Acesso em: 7 de dezembro de 2013.

CÂMARA JR.; J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2004.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, Editora Nova Fronteira, 3. ed., 2001.

EL-DASH, L. G.; LOMBELLO; L. C.. **O que é “irregular” para um verbo em português**. Unicamp, Campinas, p. 113-122, s.d.

PIEL, Joseph-Marie. **A flexão verbal do português** (estudo de morfologia histórica). In: Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa, 1944.

TAKAHIRA, A. G. R.. **O Processo de aquisição de verbos irregulares no português brasileiro**. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 430-441, jan-abril 2013.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa** – Tradução: Celso Cunha. Editora Martins Fontes, Paris, mar 1982.